

MULHERES E A INDÚSTRIA PORNOGRÁFICA: A SUBJETIVIDADE DAS PROFISSIONAIS DA INDÚSTRIA PORNOGRÁFICA BRASILEIRA

Ana Beatriz Vitto

Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, anavitto123@gmail.com

Gislayne Cristina Figueiredo

Professora Orientadora pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, Doutora pelo Curso de Psicologia da Universidade de São Paulo – USP, gislaynecf@hotmail.com

Resumo

A pornografia é um assunto que gera muita polêmica e debate, o que pode ser associado a esta ser uma forma de trabalho em que corpos são expostos. Apesar dos julgamentos e discursos morais que as profissionais vivenciam, a pornografia é uma construção sócio-histórica, presente em múltiplos espaços, de variadas formas ao longo do tempo. Tendo por base o referencial proporcionado pela psicologia social teórico-crítica, o presente trabalho propõe-se a discutir, a partir da fala de profissionais da indústria pornográfica brasileira, como a pornografia é vivenciada por elas, o impacto dessa vivência e as transformações na subjetivação decorrentes da inserção nessa indústria. Para tanto, utilizamos uma metodologia qualitativa, com a realização de entrevistas semi-estruturadas via videoconferência com três mulheres que trabalham no ramo em diferentes funções. As entrevistas foram submetidas à Análise de Conteúdo, resultando em cinco categorias: Pornografia e Preconceito; Função Social da Pornografia; Pornografia e Capitalismo; Pornografia como Espaço de Liberdade; Pornografia e Questões de Gênero. A análise dos dados indica que há um regramento baseado em

costumes e moralismos de um espaço-tempo sobre a sexualidade das mulheres, e que apesar de se configurar como uma indústria cultural, a pornografia é um meio midiático pelo qual as mesmas conseguem exercer sua individualidade e desejo pessoal confrontando o enquadramento social. Assim, ao focar as mulheres que trabalham nesse campo, observa-se uma ressignificação das mesmas com o seu próprio corpo e sexualidade.

Palavras-chave: Pornografia, Questões de gênero, Psicologia Social, Sexualidade; Feminismo.

1. Introdução

Segundo Lapeiz e Moraes (1984), a palavra pornografia provém do grego *pornographos*, que significa literalmente “escritos sobre prostitutas”. Santana (2014, p. 26) em uma revisão histórica, aponta a sua presença ao longo da história da humanidade. Relata que na antiguidade,

as imagens de “representações sexuais eram uma forma de celebração da vida, de exaltação da fecundidade, de louvor aos deuses”; já na Idade Média, “o mais importante eram os personagens padres, freiras, monarcas, representados com intenção de crítica aos poderes políticos e religiosos vigentes”.

Como toda forma de expressão, o filme pornô é uma categoria que possui diferentes significados de acordo com o momento histórico. Certos tipos de formas explícitas de representação sexual, que chegam ao público em determinado contexto no tempo, podem dizer muito sobre a cultura daquele momento (KAMPF, 2008). Dessa maneira, a pornografia é um fenômeno mutável de acordo com o período histórico-social, o que o faz ser tão complexo devido à grande gama de fatores externos (sociais) e fatores internos (indivíduos) que os formam.

No caso da pornografia moderna, Kampf (2008, p. 8) retrata que a mesma se “originou com a invenção da fotografia e com a disseminação fácil e barata de fotografias da sexualidade explícita para as massas, com o objetivo de produzir excitação e prazer sexual”. A autora também revela que:

Algumas das mais importantes características da cultura moderna, vinculada ao livre pensamento e à heresia, à ciência e à filosofia natural e aos ataques à autoridade política absolutista, ressalta especialmente as diferenças de gênero que se desenvolviam na modernidade. (KAMPF, 2008, p. 14).

Uma crítica fortemente feita por mulheres desde os anos 70 até hoje, inclusive dentro do movimento feminista, é que a maior parte da publicidade em torno da pornografia é voltada para o consumidor masculino, para incitar o olhar e apetite sexual do macho. Com um pouco mais de curiosidade e investigação, percebemos que “também a produção é massivamente controlada por homens, tanto operando

as filmadoras e máquinas fotográficas quanto chefiando as editorias de publicações” (SANTANA, 2014, p. 32)

Consequentemente, essa crítica gerou discussões dentro do movimento feminista, que acabaram atingindo para além de movimentos sociais, tornaram-se importantes debates e produções científicas sobre o tema. Santana (2014) apresenta:

Tal debate, que ocorreu mais fortemente entre as décadas de 1970 e 1980, nos Estados Unidos, teve como participantes as mais ativas teóricas do feminismo lésbico, segmentadas em dois polos: as feministas pró-sexo (ou anticensura) e as feministas antipornografia. Chamada de *Feminist Sex Wars*, a discussão gerou em torno das formas de se alcançar a liberdade sexual da mulher e de como as práticas sexuais poderiam ser opressoras ou emancipadoras para as mulheres. (SANTANA, 2014, p. 32).

De acordo com a descrição de Santana (2014), as feministas ativas ao movimento antipornografia acreditam que a comercialização dos corpos das mulheres em imagens pornográficas é a afirmação da cultura de dominação sexual. Como no caso da ativista e escritora Andrea Dworkin, a qual acredita que a sexualidade masculina seria compulsiva por natureza, e haveria na mente masculina uma vinculação estreita entre sexualidade e violência (SANTANA, 2014). Segundo Santana (2014, p. 35) a autora afirma que “toda relação heterossexual seria um estupro, ainda que consentido, visto que a vontade da fêmea envolvida está sempre submetida à do macho da relação”. Essa feminista, ao afirmar que toda relação heterossexual seria um estupro, abre espaço para críticas porque não necessariamente a questão seria a pornografia, mas sim as formas de relações entre homens e mulheres, como por exemplo, o casamento.

Em contrapartida, há autoras feministas, como Carole Vance que ao falar sobre a liberdade sexual feminina retrata que:

Os possíveis perigos que a fruição livre da sexualidade feminina implica, no sentido em que estupro, abuso e espancamento são elementos possivelmente envolvidos no exercício da sexualidade, mas também está presente a promessa do prazer, da descoberta, do lúdico e de novas possibilidades eróticas, que implicariam, inclusive, na quebra da naturalização

da sexualidade, tomada apenas como exercício de reprodução (SANTANA; RUBIM, 2012, p. 643).

As autoras ainda citam que Vance aponta que parte da estratégia de dominação passa pelo silenciamento do desejo sexual feminino, através de um acordo tradicionalmente feito entre as partes: “Se as mulheres forem ‘boas’ (sexualmente reservadas) os homens iriam protegê-las; caso contrário os homens iriam puni-las” (VANCE, 1984, apud SANTANA, 2014, p. 37).

Importante assinalar que desde a solidificação do cristianismo e a instauração de determinadas relações de poder pela burguesia, a mulher sexualmente ativa tornou-se alvo de perseguição, pois era vista como uma ameaça à ordem social, posto que “subvertia o sentido de responsabilidade dos homens e sua capacidade de trabalho e de autocontrole”. Esse processo “destruiu as relações coletivas e de sistemas de conhecimentos que haviam sido a base do poder das mulheres na Europa pré-capitalista” (FEDERECI, 2019, p. 205)

Com isso, as políticas foram voltadas para redefinir a sexualidade feminina a favor da economia e do sistema patriarcal, e “seus úteros se transformaram em território político, controlados pelos homens e pelo Estado: a procriação foi colocada diretamente a serviço da acumulação capitalista” (FEDERECI, 2019, p. 178) Com as mulheres perdendo espaços públicos de trabalho e força diante ao novo sistema econômico implementado, a autora destaca a transformação da imagem da mulher ao dizer que:

A partir desta derrota, surgiu um novo modelo de feminilidade: mulher e esposa ideal – passiva, obediente, parcimoniosa, casta, de poucas palavras e sempre ocupada com suas tarefas. Esta mudança começou no final do século XVII, depois de as mulheres terem sido submetidas a mais de dois séculos de terrorismo de Estado. (FEDERECI, 2019, p. 205).

De acordo com Federeci (2019) a expansão global do capitalismo, por meio da colonização e da cristianização, assegurou que este modelo de repressão fosse implantado no corpo das sociedades colonizadas e impostos a outros grupos sociais, como mecanismo de submissão e controle.

Assim, para além das discussões feministas que envolvem questões de gênero sobre a dominação masculina, é necessário pontuar a interseccionalidade entre raça e pornografia, que muitas vezes é

esquecida. Como afirmam Mayall e Russel (1993, p. 297) “as comunidades liberais, radicais e feministas devem reconhecer a gritante contradição ao se preocupar com os efeitos destrutivos do racismo e ao se indignar por todas as suas manifestações - exceto quando aparece na pornografia”.¹

No mesmo artigo, Mayall e Russel (1993, p. 289), demonstram a diferença presente ao se tratar mulheres negras e brancas no meio pornográfico, ao trazer uma frase da Alicia Walker, “onde as mulheres brancas são retratadas na pornografia como objetos: as mulheres negras são retratadas como animais. Onde as mulheres brancas são pelo menos retratadas como corpos humanos, se não seres, as mulheres negras são retratadas como merda (sic)”².

Díaz-Benítez (2009) ao estudar os bastidores das produções pornográficas brasileiras afirma que no Brasil, a indústria pornográfica não é tão rica quanto nos EUA, onde a produção alcança entre dez e onze mil filmes por ano, movimentando bilhões de dólares. Mas ainda assim, há uma proliferação de material pornográfico em vídeos, canais fechados de televisão, revistas e internet (DÍAZ-BENÍTEZ, 2009).

Portanto, a pornografia é um produto da indústria cultural, ela serve como entretenimento que visa a excitação do consumidor. Nesse sentido, a moralidade da elite juntamente ao capitalismo, segundo Coelho (1980, p. 17), “condena a indústria cultural sob a alegação de que ela é uma prática do entretenimento, da diversão, do prazer”. O autor também relata que:

Quando o negócio é com a cultura dita superior, tudo é permitido; da cultura inferior, da masscult, exige-se seriedade. Este é um índice claro da existência de um preconceito contra a cultura pop, contra o povo: “a massa é ignorante e, portanto, não pode perder tempo com prazer; temos, nós, de torná-la culta, através da seriedade”. Elitismo, paternalismo, confucionismo. (COELHO, 1980, p. 17).

1 “The liberal, radical, and feminist communities must recognize the glaring contradiction in being concerned about the destructive effects of racism and outraged by all manifestations of it - except when it appears in pornography.” (Tradução da autora)

2 “Where white women are depicted in pornography as objects: Black women are depicted as animals. Where white women are at least depicted as human bodies if not beings, Black women are depicted as shit.” (Tradução da autora).

Seguindo essa linha, a pornografia como parte da cultura inferior, ou seja, feita em série, industrialmente, para um elevado número de consumidores, passa a ser vista não como “um instrumento de livre expressão, crítica e conhecimento, mas como produto trocável por dinheiro e que deve ser consumido como se consome qualquer outra coisa” (COELHO, 1980, p. 6) Por tratar-se da lógica capitalista o autor salienta que:

Para essa sociedade, o padrão maior de avaliação tende a ser a coisa, o bem, o produto; tudo é julgado como coisa, portanto tudo se transforma em coisa – inclusive o homem. E esse homem reificado só pode ser um homem alienado: alienado de seu trabalho. (COELHO, 1980, p. 6)

De acordo com Moraes e Lapeiz (1984), é preciso construir novas propostas de interpretação da pornografia, as quais não significam uma discordância das questões assinaladas até agora. As autoras também afirmam que “a pornografia é misógina sim e tem grande alcance, e por isso mesmo é necessário aprofundar as reflexões sobre ela” (MORAEZ e LAPEIZ, 1984, p. 52) Ademais, ela é atravessada por julgamentos morais, os quais são definidos por Moraes e Lapeiz (1984, p. 45) como “uma imposição autoritária de rígidas formas de comportamento”. Nesse sentido, as autoras assinalam que a censura “fala em nome da moral e dos bons costumes, salvaguardando os interesses das camadas privilegiadas da sociedade, e contribuindo sempre para que a balança pese do lado do mais forte” (p. 45).

A indústria pornográfica, com todas as suas contradições, se configura como espaço de trabalho de muitas mulheres. Segundo a literatura, as mulheres trabalhadoras da indústria pornográfica passam por uma série de preconceitos e estereótipos, mas muitas vezes visualizam o mercado pornográfico brasileiro como uma opção melhor de trabalho, ao invés de submeter exploração de trabalhos subalternos (SOUSA, 2020). Ademais, essas profissionais acreditam na possibilidade de desmistificação da mulher submissa que não tem liberdade para/com o seu corpo, tanto no sentido de forma de trabalho, quanto no sentido sexual (SOUSA, 2020).

No campo da Psicologia essa é uma temática escassa quanto a discussões, pesquisas e problematizações. Com isso, se faz interessante destacar a pornografia como um campo de conhecimento

científico complexo e com presença de inúmeras questões que destacam a sexualidade. Logo, destaca-se que:

A sexualidade não tem o mesmo grau de importância para todos os sujeitos, mais do que um recurso explicativo baseado em diferenças psicológicas, essa variação é efeito de processos sociais que se originam no valor que a sexualidade ocupa em determinados nichos sociais e nos roteiros específicos de socialização com que as pessoas se deparam. (HEILBORN, 1999, p. 1).

Assim, o autor assinala a importância da sexualidade e seu desenvolvimento como fator primordial para a discussão da temática, destacando a relevância de se olhar para a sexualidade feminina a fim de compreender o significado de ser uma mulher, trabalhadora e sexual no campo da indústria pornográfica.

Nessa direção, o presente estudo visou trazer para o cenário de discussão acadêmico a indústria pornográfica brasileira e o lugar ocupado pelas mulheres profissionais desse meio, buscando dessa forma analisar como a inserção nesse mercado de trabalho impacta os modos de subjetivação das mesmas, contribuindo assim com os estudos de gênero na área da psicologia.

Buscou compreender duas questões principais: a primeira diz respeito a como a pornografia vivenciada por elas e que tipo de impacto isso produz para a vida pessoal e profissional. Já a segunda, foi discutir a indústria pornográfica brasileira, para além do senso comum, como espaço de trabalho dessas mulheres, considerando ainda como as questões de gênero, raça e classe se fazem presente na pornografia. Vale ressaltar que não serão descartadas as discussões que destacam o sofrimento das mulheres nesse meio, pelo contrário, será analisado se o mesmo advém de questões presentes na sociedade patriarcal, racista, desigual e moralista brasileira.

2. Metodologia

A presente pesquisa, de cunho qualitativo, realizou-se com coletas de dados em campo utilizando como instrumento a entrevista semi-estruturada via videoconferência pelo Skype e a metodologia adotada para a interpretação dos dados foi a Análise de Conteúdo, tendo como unidade de análise o tema. Considerando que o objetivo

da presente pesquisa foi conhecer como as mulheres se inserem na indústria pornográfica e o impacto dessa inserção na produção de modos de subjetivação, a amostra foi formada por três mulheres profissionais do meio pornográfico: uma atriz, uma diretora e uma produtora. As entrevistadas residem em São Paulo, são todas maiores de 18 anos, e expressaram seu consentimento mediante assinatura de um termo de Consentimento Livre Esclarecido (CLE). A pesquisa foi aprovada previamente pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

As entrevistas tiveram uma média de duração de 40 minutos e foram gravadas com o consentimento das entrevistadas, a fim de que a análise fosse fidedigna de seu conteúdo. Para manter o anonimato das entrevistadas, foram utilizados nomes fictícios para representá-las. Segue abaixo uma tabela informativa contendo os dados pessoais das profissionais:

Participantes	Idade	Profissão	Quanto tempo de carreira	Se ainda trabalha na área
Laura	32 anos	Produtora	15 anos	Sim
Cláudia	34 anos	Diretora e Radialista	9 anos	Não
Fernanda	24 anos	Atriz, CamGirl e Escritora	3 anos	Não

Após realizar a leitura flutuante e a análise dos dados foram estabelecidas cinco categorias: Pornografia e Preconceito; Função Social da Pornografia; Pornografia e Capitalismo; Pornografia como Espaço de Liberdade; Pornografia e Questões de Gênero.

3. Resultados e discussões

3.1 Pornografia e Capitalismo

É preciso enfatizar que a pornografia é uma forma de trabalho e as pessoas que estão inseridas nesse meio são trabalhadores que precisam ser assegurados por direitos e deveres, o que não ocorre por não existir uma legislação de amparo para esses profissionais. Como Fernanda relata: “a gente não tem direito perante a lei e é uma coisa que abre espaço para tanto abuso, porque se a gente tivesse direitos a gente poderia recorrer a processo ou qualquer coisa assim que nos protegesse”.

O ponto básico para compreender esse sistema de produção é que as mesmas condições de trabalho, de exploração e de superexploração a que estão submetidos os trabalhadores no sistema capitalista como um todo, atingem os trabalhadores ligados à indústria cultural, dentro da qual podemos incluir a indústria pornográfica. Faz-se assim necessários discutir os processos de fragilização dos vínculos de trabalho e de superexploração/uberização que também se fazem presentes na indústria pornográfica, e atingem mais duramente as mulheres.

Ao se falar em direitos no ramo da indústria pornográfica os pontos mais apresentados pelas entrevistadas são o controle sobre doenças sexualmente transmissíveis, a realização de exames médicos e o amparo legal em quebra de contrato. Com a uberização atores/atrizes, se por um lado este passam a ter espaço para criar seus próprios sites de filmes adultos e facilidade em garantir uma renda maior, por outro é um fator de preocupação, como exemplifica Cláudia:

Tal qual a uberização do motorista que trabalha doente e acaba negligenciando sua própria saúde, eu não sei como tá funcionando essa parte da uberização dos atores e atrizes, eu não sei se eles tem condições de fazer os exames e tudo mais, para produzir uma cena que talvez eles precisam fazer agora para conseguir ganhar o dinheiro do mês.

O ponto básico do sistema de produção, como nos remete a exemplificação de Coelho ao falar de capitalismo e indústria cultural, é através da lógica de que os filmes pornográficos são produtos trocáveis por dinheiro, ou seja, se o sujeito consome uma mercadoria gratuita consequentemente usufrui de um serviço que contém exploração de trabalho.

3.2 Função Social da Pornografia

Mesmo a pornografia sendo produzida com o intuito de excitação e diversão, ela pode criar uma cadeia de fatores que transformam a forma como o indivíduo enxerga seu corpo, sua sexualidade e outros corpos. Além de servir como um meio de identificação, é possível adquirir um repertório e compreender que existem inúmeras preferências e formas de prazer, como assinalam Santana e Rubim (2014) ao descreverem as teorias de Vance sobre a liberdade da sexualidade feminina e novas possibilidades eróticas.

A pluralidade da pornografia abre espaço para que essa identificação diminua sentimentos de frustração do sujeito com a sua sexualidade, como Laura descreve na entrevista: “esse campo diverso acho que faz com que alguém que se sinta adoecido, alguém que talvez ache que precisava ser punido por Deus, de repente vê que gosta de BDSM e que aquilo não é só ele, existe outras pessoas, ele não é doente por causa disso”. Vale ressaltar que esse processo

subjetivo, como Heilborn (1999) afirma ao afirmar que a sexualidade possui um nível de importância diferente para cada pessoa.

No entanto, a indústria pornográfica, com seu caráter contraditório, pode ao mesmo tempo se configurar como espaço de quebra de estereótipos e de visibilidade para práticas tidas como dissidentes, mas também como espaço de reprodução de estereótipos e de papéis sociais, contribuindo inclusive para a representação de papéis de gênero assimétricas e engessadas.

3.3 Pornografia e Preconceito

Como qualquer outro produto do entretenimento a pornografia não está isenta de preconceitos, ainda mais ao ser diretamente ligada a corpos expostos e fetiches, o que serve de argumento para críticos que são contra publicamente e usam de moralismo e elitismo para julgar esse meio e principalmente as profissionais. Moraes e Lapeiz (1984), assim como Coelho (1980), exemplificam como estes discursos distorcem a realidade da indústria pornográfica. Como exemplo, a existência de inúmeras instituições que são financiadas por igrejas que tem como fundamento maior “resgatar” esses profissionais deste lugar de “degradação”.

Cláudia, uma das entrevistadas, ao conceituar a pornografia cita que “a melhor resposta é a do Jorge Leite (sociólogo da UFSCAR), que ele diz que pornografia é o sexo dos pobres, é aquilo que todo mundo acha vulgar e ninguém assume que vê, mas todo mundo consome, senão não tinha há tantos anos no mercado”.

Também identifica-se na indústria pornográfica a reprodução dos preconceitos de raça com relação aos corpos negros, em especial das mulheres negras. Apesar da pornografia hoje apresentar diversos estilos de vida, há a ausência na diversidade de tipos de tons de pele, esse fato deve-se ao processo de desumanização que as mulheres negras estão submetidas. Para elas muito mais complexo optar

por um trabalho na indústria pornográfica, justamente por já estarem em uma posição de objeto diante da sociedade, como nos remete a Mayall e Russel (1993) ao diferirem a visibilidade das mulheres brancas e negras dentro do ramo da pornografia.

3.4 Pornografia e Questão de Gênero

Além da nítida presença de mais homens em posições de decisão, enfatiza-se a dificuldade enfrentada pela mulher nesse ramo, que por sua vez tem sua inteligência questionada, é julgada por estar a “serviço” do patriarcado, apontada como uma pessoa frágil que só escolheu esse ramo por passar necessidade e/ou não saber fazer outra coisa, sendo que em contrapartida, os homens são vistos como pessoas fortes e espertas por terem escolhido o ramo do sexo para trabalhar. Essa maneira de visualizar ambas as forças de trabalho, reafirma a tentativa de manter a mulher em uma posição degradante e submissa como Federeci (2019) relata em sua obra.

Essa desigualdade de tratamento é muito presente na fala das entrevistadas, as quais referem uma sensação de insegurança ao se inserirem em outros ambientes diferentes da pornografia, em especial no caso outras experiências profissionais e o impacto das suas produções pornográficas em como serão vistas nesses outros espaços. Consequentemente, ao se tratar de reinserção de trabalho homens possuem uma maior facilidade, pois não são constantemente lembrados e resumidos ao seu trabalho com o sexo.

A indústria pornográfica é mais uma entre outras do entretenimento que não está isenta de machismo, ela reproduz formas de preconceitos estruturais existentes e desmerecer o trabalho feminino nessa indústria reafirma discursos misóginos. Salienta-se que até hoje as discussões divergentes trazidas por Santana (2014) sobre a guerra dos sexos ocorrem na esfera da pornografia.

Assim, apesar das contradições, é preciso olhar para o aspecto transformador da inserção dessas mulheres nesse espaço, como nos diz Laura: “a parte mais realizadora é conseguir pensar com outras mulheres dentro de um mercado que é extremamente masculino, pensar em como criar um ambiente mais seguro e mais ético para gente, isso para mim sem dúvida é a parte mais importante”.

3.5 Pornografia como Espaço de Liberdade

Ao analisar as falas das entrevistadas percebe-se a desconstrução das mesmas desde o primeiro contato com a pornografia, como consumidora e depois como profissional. Essa resignificação as aproxima de uma certa liberdade, como uma das entrevistadas afirmou ao dizer que a pornografia a deixou mais plural, menos preconceituosa.

As três entrevistadas relatam esse estranhamento ao entrar em contato pela primeira vez com a pornografia, o interessante é perceber a forma como elas reproduziam discursos citados nos tópicos acima e como hoje suas experiências contribuíram para a resignificação de sua própria sexualidade e do meio em que trabalham. Há também a liberdade no sentido monetário, ou seja, as profissionais, ao terem sua própria renda, conseguem se manter, auxiliar a família, investir nelas e também em momentos de lazer. Esses casos nos remetem ao que Sousa (2020) afirma ser a desmitificação da trabalhadora sexual como submissa.

Outro ponto é como as profissionais, principalmente atrizes, passam a enxergar seus corpos ao trabalhar com a pornografia, como no caso da Fernanda que afirma o impacto positivo que isso trouxe para ela ao dizer que começou a gostar mais de si mesma, se sentir mais segura com a sua imagem. As pessoas precisam se sentir livres para exercerem sua sexualidade, e é importante tirar essas amarras sociais que forcem o sujeito a gostar de algo que não vem dele próprio. Laura cita que em Londres existe um grupo que realiza uma marcha com cachorros vestidos de látex, e afirma: “é divertido, isso faz com que você deixe sua própria vida mais leve, acho que essa é a importância que a gente fala da liberdade individual, da nossa individualidade e da nossa sexualidade, tá aí”.

4. Considerações finais

Uma sociedade com fundamentos religiosos e patriarcais enraizados moldou desde final o Período Medieval a forma em que o sujeito fala, pensa e faz com a sua sexualidade hoje. A indústria pornográfica é um espaço contraditório: apesar do julgamento moral e das pressões sociais, para aqueles que consomem é um ambiente onde ele pode exercer sua sexualidade de uma maneira mais livre do enquadramento social, e, para aqueles que trabalham, se configura

como um espaço de criação e de ressignificação do corpo e da sexualidade, ao mesmo tempo em que vivenciam uma pressão carregada de julgamentos.

Assim, para as mulheres trabalhadoras, a indústria pornográfica brasileira é um espaço conflitante: possui pontos evidentes de reprodução de uma superexploração de trabalho e de (re)colocação de preconceitos que as reduzem a mulheres submissas, sem conhecimento, frágeis e não merecedoras de seriedade, mas as mesmas também enxergam esse ramo como um espaço de potência, trazendo em suas falas a relevância que há em sua atuação. Finalizamos o presente trabalho assinalando a importância do desenvolvimento de novas pesquisas que aprofundem a discussão sobre a indústria pornográfica e o impacto sobre as mulheres nesse espaço, pesquisas estas que possam contribuir para a transformação das relações sociais e para a construção de uma forma de trabalho mais ética e respeitosa de trabalho nesses espaços.

Referências

COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1980. DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. **Nas redes do sexo: bastidores e cenários do pornô brasileiro**. Tese Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional/PPGAS, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/MariaElviraDiazBenitez.pdf/>>. Acesso em: 20, Jun de 2020.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva**. Editora Elefante, 2019.

HEILBORN, Maria Luiza. Construção de si, gênero e sexualidade. In HEILBORN, M. L. **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 40 – 58, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/j/ha/a/8PZBFm87gZ8JmPFkyr8n4HC/?lang=pt#>>. Acesso em: 17, Jun de 2020.

KÄMPF, Rachel. **Para uma estética na pornografia. 2008. 77 f.** 2019. Tese de Doutorado. Dissertação (mestrado)-Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2008. Disponível em: <<https://riuni.unisul>

br/bitstream/handle/12345/4614/93879_Raquel.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 05, Julh de 2020.

MAYALL, Alice; RUSSELL, Diana EH. **Racism in pornography**. Feminism & Psychology, 3, n. 2, p. 275-281, 1993. Disponível em: <<https://docplayer.net/52252566-Racism-in-pornography.html/>>. Acesso em: 11, Jun de 2020.

MORAES, Eliane Robert; LAPEIZ, Sandra Maria. **O que é pornografia**. Editora Brasiliense, 1984.

SANTANA, Léa Menezes de. **“-Tem pornô para mulher?": uma abordagem crítica da pornografia feminista**. Tese Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Salvador 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/18873/1/Dissertacao%20de%20L%c3%a9a%20Menezes%20de%20Santana.pdf/>>. Acesso em: 1, Mar de 2020.

SANTANA, Léa Menezes; RUBIM, Lindinalva da Silva. **Feminismo e pornografia: distanciamentos e aproximações possíveis**. In RUBIM, L.S.O. (Org.). MIRADAS - Gênero, Cultura e Mídia. 1ed. Salvador: EDUFBA , v. 1, p. 636-648, 2014.

SOUSA, Santuzza Alves de. Instagram, 2020. **Live Pornografia e Prostituição**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CB1m3jUnKdl/>>. Acesso em: 24, Jun de 2020.